

Para além da doxa: caminhos metodológicos da Hermenêutica de Profundidade

Beyond the doxa: Methodological paths of Depth Hermeneutics

¹ Carolina Silva de Moura falecomcarolmoura@gmail.com

² Adrielly Campos e Almeida

¹ Mestranda em Comunicação, Mídia e Cultura na Universidade Federal de Goiás. Bacharela em Publicidade e Propaganda pela UFG. Bolsista FAPEG.

² Mestranda em Comunicação, Mídia e Cultura na Universidade Federal de Goiás. Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás.

Resumo

Este artigo procura apresentar e discutir o método Hermenêutica de Profundidade (HP). Por meio de pesquisa bibliográfica compreende o que é e como se dá a utilização desse método, discorrendo sobre sua origem como ciência e expondo as três etapas da análise. Conclui-se que é uma opção metodológica para os pesquisadores que buscam analisar seu problema de pesquisa de forma ampla e contextualizada, frente à proximidade do objeto e a situação social.

Abstract

Its purpose is to present and discuss the Hermeneutics of Depth (HP) method. Using the bibliographical research it understands what is and how the use of this method is given. It discusses its origin as science and exposes the three stages of analysis. It is concluded that it is a methodological option for researchers who seek to analyze their research problem in a broad and contextualized way, facing the proximity of the object and the social situation.

Palavras-chave

Hermenêutica de profundidade; metodologia; meios de comunicação; ideologia; formas simbólicas.

Keywords

Depth hermeneutics. Methodology. Media. Ideology. Symbolic forms.

Como você deve citar?

MOURA, Carolina Silva de; ALMEIDA, Adrielly Campos e. Para além da doxa: caminhos metodológicos da Hermenêutica de Profundidade. **CADERNOS UniFOA**, Volta Redonda, n. 34, p. 75-86, ago. 2017.

1 INTRODUÇÃO

Oliveira et al. (2013) aponta que a tradição hermenêutica remonta à antiguidade expressa na atividade de interpretar textos sagrados e leis, e define essa ação como uma classe teórica, cujo objetivo é o estudo e sistematização da interpretação. Diante disso, nota-se que a capacidade de interpretar é característica inerente aos homens e, com o desenvolvimento da Hermenêutica de Profundidade (HP), se tornou também uma importante forma analítica de dados qualitativos.

Essa configuração metodológica emergiu a partir de uma ruptura epistemológica com a razão instrumental proposta pela ciência moderna (VERONESE; GUARESCHI, 2006), em consonância com a necessidade de se pensar métodos próprios para as ciências sociais que rompessem com a visão positivista (THOMPSON, 1995).

O método em questão foi desenvolvido por Thompson, baseando-se em conceitos propostos por Ricoeur (1975), Habermas (1981) e Bourdieu (1984) e esclarecido na obra *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa* (1995) como uma alternativa àqueles que se propõem a analisar as formas simbólicas. Silva e Otero-Garcia (2012) apontam que tal investigação se fundamenta por três movimentos analíticos, sendo eles: sócio-histórico (contextual), formal (ou discursivo) e interpretação/reinterpretação.

Motta (2014) afirma ainda ser essa uma metodologia eficiente para pesquisas sociais, cujo foco é a análise das esferas culturais que se manifestam em um determinado contexto. Fundamentado nela, o pesquisador propõe sentidos possíveis com base em uma análise teórica e empírica criteriosa alicerçada na racionalidade argumentativa que possibilita discussões acerca dos resultados obtidos.

Por essa razão, é necessário entender as concepções da Hermenêutica de Profundidade, desde o desenvolvimento do método até sua aplicação. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo apresentar e discutir a Hermenêutica de Profundidade, bem como as orientações de sua operacionalização. Para isso, apoia-se em pesquisa bibliográfica, atividade que, segundo Deslauriers e Kérisit (2010), se fundamenta em uma concepção de que o conhecimento é algo cumulativo. O que é reforçado pelo posicionamento de Gil (2008) para quem a pesquisa bibliográfica é essencialmente baseada em material já elaborado. Essa prática, além de auxiliar na construção de um objeto, mostra que é preciso dominar os conceitos e conteúdo, assim como "adquirir os conhecimentos topológicos; conhecer a história do meio social pesquisado, sua estrutura, sua ideologia." (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2010, p.135). As etapas desse método foram seguidas conforme orientações de Marconi e Lakatos (2004): delimitação do tema; levantamento da leitura; elaboração do plano de trabalho composto por introdução e desenvolvimento (explicação, discussão e conclusão) identificação e localização do assunto e das referências e a redação do estudo.

Por se basear essencialmente em uma pesquisa teórico-descritiva, sem análise de campo, optou-se por não discutir resultados. Assim sendo, a primeira parte discorre sobre as influências conceituais e históricas associadas ao desenvolvimento da Hermenêutica de Profundidade (HP). O segundo e terceiro tópicos abordam o método em si, sua operacionalização e integração de outros que podem complementar a análise, especialmente na etapa de análise formal. A relevância do estudo é explicada ao reforçar a importância do método abordado, ainda pouco explorado no campo da comunicação, por observar o objeto a partir de diversos vieses com a complexidade que os fenômenos sociais demandam; não ignorar as percepções latentes da coletividade e abarcar a relação entre ideologia, poder e mídia.

A conclusão mostra que a HP se constitui como um modelo analítico que permite investigar determinado objeto de forma ampliada, levando em consideração os vários contextos sócio-históricos em que está envolvido, tanto no âmbito da produção quanto no da recepção. Essa visão mais abrangente

do objeto de análise permite romper com preconceções acerca da apropriação das formas simbólicas, bem como possibilita identificar como elas são utilizadas ou não pelos meios de comunicação de massa para estabelecer e sustentar relações de poder para além das concepções deterministas.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS: DA HERMENÊUTICA A HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE.

John Thompson (1995) se apropria das investigações desenvolvidas por Ricouer (1975) e seus antecessores para desenvolver o método da Hermenêutica de Profundidade com o intuito de investigar e compreender as alterações que a centralidade dos meios de comunicação de massa vem ocasionando na sociedade moderna ao longo dos anos. Referindo-se à arte da interpretação, o termo 'hermenêutica' surge do verbo grego *hermeneuein*, e remete à mitologia grega, na qual o deus Hermes oferece aos seres humanos a capacidade de compreender sobre o que era incompreensível. Corresponde, dessa forma, a uma filosofia da interpretação que torna possível a leitura do objeto para além da sua aparência superficial podendo, por esse motivo, revelar aspectos ideológicos e de relações de poder.

A utilização da arte da hermenêutica esteve, inicialmente, associada aos debates literários da Grécia Antiga, mas também atrelada à interpretação correta de textos bíblicos e leis (de direito) e, por essa razão, ligada a aspectos normativos de interpretação de textos escritos. Sob influência religiosa desde o século III, quando Santo Agostinho estabeleceu regras para uma interpretação assertiva de textos bíblicos, através da diferenciação de sentido real e figurado, o termo hermenêutica foi utilizado cientificamente pela primeira vez somente no século XVII, na obra de Conrad Dannhaeur, período que ficou conhecido como Hermenêutica medieval ou clássica. (GOMES, 2015).

Já no século XIX, com os estudos do teólogo e filósofo alemão Schleiermacher, a hermenêutica recebe novos contornos e passa a corresponder também a uma interpretação da fala, podendo ser aplicada a qualquer tipo de discurso. Nesse mesmo século, Dilthey estabeleceu uma teoria filosófica que diferenciou as ciências humanas do positivismo comtiano, definindo que a hermenêutica é resultado da experiência, da expressão e do entendimento, sendo assim uma busca pelo próprio sentido da vida e da história. (GOMES, 2015).

A corrente hermenêutica do século XX é direcionada pelos estudos de Martin Heidegger com características fenomenológicas ligadas à própria existência humana, buscando interpretar o "Ser". De acordo com Thompson (1995, p. 359), o trabalho de Heidegger "mostrou a importância de se ver o processo de compreensão [...] como uma característica fundamental dos seres humanos como tais, [já que] compreender é algo que nós, enquanto seres humanos, já fazemos a toda hora e inevitavelmente". Seguindo essa linha de pensamento, Gadamer propõe que a linguagem é fundamental para a comunicação humana e a compreensão do ser, registrando a presença humana no mundo por meio da tradição e de uma visão histórica. (GOMES, 2015), o que Thompson (1995) classifica como historicidade da experiência humana.

Thompson (1995) dedica a Ricouer o que seria a "primeira forma" de pensamento sobre a metodologia da Hermenêutica de Profundidade (HP), pois considera que, quando Ricouer manteve as considerações de Gadamer e Heidegger e vinculou-as às perspectivas metodológicas, pode mostrar que elas dizem respeito tanto a questões filosóficas quanto de método de análise. Desse modo, pode-se afirmar que "a ideia subjacente à HP é que, na pesquisa social, como em outros campos, o processo de interpretação pode ser, e de fato exige que seja, mediado por uma gama de métodos explanatórios ou "objetivantes". (THOMPSON, 1995, p.362).

Ligados à comunicação e influenciados pelos estudos de Ricoeur, destacam-se Habermas, Vattimo e Thompson. Jürgen Habermas desenvolveu uma Hermenêutica Crítica voltada para a ação dialógica entre os indivíduos, já que a Teoria da Ação Comunicativa acreditava na tentativa de validação do discurso por meio de argumentos que podem ser questionados por novos argumentos. Essa interação dialógica presume, no entanto, uma relação simétrica, pois a compreensão do outro e de seus argumentos só pode existir através do domínio de uma mesma linguagem. Para Gianni Vattimo (1985) a hermenêutica é a narrativa da pós-modernidade e só pode existir através do diálogo com a tradição, combatendo a superficialidade proporcionada pelos veículos de comunicação de massa em que os fluxos de informações estão atrelados a interesses econômicos. (GOMES, 2015).

Já John Thompson (1995) desenvolve a Hermenêutica de Profundidade voltada para a análise das formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação, dividida em três etapas de análise (análise sócio-histórica, análise formal e interpretação/reinterpretação), considerando tanto o caráter objetivo e formal quanto sua dimensão subjetiva e simbólica. O mundo sócio-histórico constitui-se, então, ao mesmo tempo, um campo-objeto e um campo-sujeito "construído, em parte, por sujeitos que, no curso rotineiro de suas vidas quotidianas, estão constantemente preocupados em compreender a si mesmos e aos outros, e em interpretar as ações, falas e acontecimentos que se dão ao seu redor." (THOMPSON, 1995, p. 358). Isso ocorre porque, ao interpretá-lo, abre-se a possibilidade para novas reinterpretações. Dessa forma, ao demonstrar a atuação ideológica, os participantes do campo-objeto se ressignificam na busca de superar as assimetrias de poder. (GOMES, 2015).

Thompson (1995) desenvolve a HP, baseando-se, entre outros, no caráter metodológico de Dilthey, na experiência da existência humana de Heidegger, no caráter sócio-histórico de Gadamer e na reflexão filosófica e metodológica de Ricoeur. Deste último, entretanto, rejeita o que classifica como demasiada ênfase na autonomia semântica do texto, que, segundo Thompson (1995), provoca uma abstração muito rápida das condições sócio-históricas envolvidas.

Partindo do pressuposto de que a hermenêutica está condicionada a uma construção simbólica do objeto investigado, tem-se a obrigatoriedade de uma interpretação que pode desenvolver-se por diversas escolhas metateóricas, segundo Lopes e Vasconcellos (2010). De acordo com eles, a teoria social de Thompson se enquadra em uma "perspectiva subjetiva, que parte de uma ontologia nominalista, de uma epistemologia antipositivista, de uma natureza humana voluntarista e de uma metodologia ideográfica (LOPES; VASCONCELLOS, 2010, p.68).

Dessa maneira, a questão ontológica básica para Thompson (1995) seria a natureza subjetiva da realidade que existe somente para um sujeito histórico e socialmente situado, com uma posição nominalista que defende uma realidade, a qual não pode ser provada, mas apenas interpretada com argumentos que sejam capazes de legitimá-las. Assim, a utilização da HP defende uma posição epistemológica antipositivista, na qual as interpretações não estão imunes a juízos de valor e visões de mundo, tendo em vista que o hermenêuta, assim como a sociedade, está inserido num determinado contexto e é influenciado por ele. Entretanto, as interpretações devem ser "provadas". Os critérios e as argumentações podem variar de acordo com o campo, mas devem atender ao que ele chama de "*princípio de não imposição*":

Provar é apresentar razões, fundamentações, evidências, elucidação; impor é afirmar ou reafirmar, forçar os outros a aceitar, silenciar os questionamentos ou as discordâncias. Provar é tratar o outro como uma pessoa capaz de ser convencido; impor é tratar o outro como uma pessoa que deve ser submetida. Essa distinção sugere que uma interpretação seria justificada somente se ela pudesse ser provada sem ser imposta, isto é, somente se ela pudesse ser provada sob condições que incluíssem a suspensão de relações assimétricas de poder. (THOMPSON, 1995, p.411).

Para Thompson (1995), o comportamento humano não pode ser deduzido por leis da natureza de caráter determinista. Dessa forma, ao adotar uma perspectiva voluntarista, ele critica as teorias voltadas para a passividade do receptor, como, por exemplo, os argumentos dos frankfurtianos de que o receptor é alienado e direcionado pelos interesses econômicos do veículo de comunicação de massa e da indústria cultural. Thompson (1995, p.359) argumenta que "os sujeitos que constituem o campo-sujeito-objeto são, como os próprios analistas sociais, sujeitos capazes de compreender, de refletir e de agir fundamentados nessa compreensão e reflexão."

Ao assumir uma postura metodológica ideográfica, o autor (THOMPSON, 1995) "busca compreender o mundo social através de um conhecimento de primeira mão. Mais concretamente através dos sentidos que os agentes sociais atribuem a si mesmos e ao mundo que os rodeiam." (LOPES; VASCONCELLOS, 2010, p.71). Essa escolha não exclui tipos de análise formal, característicos das ciências naturais, mas propõe que o uso exclusivo deles representa uma parcialidade e, por essa razão, devem estar aliados a processos de compreensão e interpretação, haja vista serem complementares.

Todo esse processo de interpretação/reinterpretação proposto por Thompson (1995) em Hermenêutica de Profundidade poderá ser compreendido nos próximos tópicos.

3 DESVELANDO IDEOLOGIAS

A Hermenêutica de Profundidade é um caminho analítico para aqueles que se propõem ao estudo da ideologia enquanto maneira de entender como o sentido é utilizado a serviço da manutenção das relações de dominação. Thompson (1995) aponta duas formas de concepção ideológica: a neutra, cujos fenômenos não estão necessariamente ligados à manutenção de uma ordem; e a crítica, de natureza negativa que se manifesta em fenômenos ilusórios e enganadores. De acordo com ele, a ideologia pode ser empregada nas formas simbólicas a partir das estratégias ou "modos de operação ideológicos" que estão definidos no quadro a seguir:

Quadro 1 - Modos de operação ideológicos

Modos de operação da Ideologia

<i>Modos Gerais</i>	<i>Algumas Estratégias Típicas de Construção Simbólica</i>
Legitimação	Racionalização Universalização <u>Narrativização</u>
Dissimulação	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
Unificação	Estandardização Simbolização da unidade
Fragmentação	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação	Naturalização Eternalização Nominalização/passivização

Fonte: Thompson, 1995, p.81

O primeiro modo ideológico abordado é o da dominação, que pode ser observado em recursos como: racionalização (cadeia de raciocínio que justifica uma assimetria de poder); universalização (o interesse de alguns é apresentado como o interesse de todos) e narrativização (invenção de uma tradição que, inserida em uma narrativa, ratifica-a). (THOMPSON, 1995).

Para consolidar uma ideologia, pode-se também utilizar a dissimulação, pela qual as relações de dominação são disfarçadas. Tal estratégia é capaz de ser expressa das seguintes formas: deslocamento (usar um objeto para se referir a outro); eufemismo (descrição de algo negativo de forma amenizada) e tropo (uso de figuras de linguagem que mascaram o aspecto ideológico crítico). (THOMPSON, 1995).

A terceira estratégia que favorece a atuação ideológica é a unificação, baseada na construção de um interesse coeso vinculado à noção de identidade. Esse aspecto ideológico pode ser visualizado em meios como: padronização (adaptação da forma simbólica a um padrão, por exemplo: língua oficial) e simbolização da unidade (construção de um símbolo que reflete a unidade de uma identidade, como as bandeiras). O quarto *modus operandi* da ideologia é a fragmentação que se nota pela tentativa de exclusão de indivíduos ou grupos através da diferenciação (evidencia as diferenças) e pelo expurgo do outro (criação coletiva de um inimigo). (THOMPSON, 1995)

Por fim, a última tática ideológica destacada por Thompson (1995) é a reificação em que determinada assimetria é retratada como se fosse algo natural (naturalização). Isso pode ser justificado por intermédio da eternalização (costumes históricos, apelo à tradição), a nominalização (ocultamento de nomes) e passivização (transformação de uma sentença para a voz passiva em que se esvazia a noção de agente, sujeito).

A partir desse prisma, Thompson (1995) afirma que as formas simbólicas podem ser ideológicas, quando são inseridas em determinado contexto como artifício cuja finalidade é contribuir para a permanência das relações hegemônicas. Por outro lado, é importante esclarecer que o uso de tais

recursos associados a uma forma simbólica não implica necessariamente em uma abordagem ideológica. Por isso, cabe ao analista ter a sensibilidade no intuito de perceber se esse vínculo existe, ou não, o que justifica a necessidade de compreensão acerca da natureza das formas simbólicas, conforme discutido no tópico a seguir.

4 ENTENDENDO AS FORMAS SIMBÓLICAS

Para Thompson (1995), a Hermenêutica de Profundidade é um método que contribui no entendimento das formas simbólicas, uma vez que elas são produzidas em determinados contextos sociais e históricos, os quais influenciam no seu desenvolvimento.

De acordo com o autor (THOMPSON, 1995), as formas simbólicas são produzidas por agentes inseridos em um dado contexto e recebidas por outros indivíduos, versando sobre um assunto ou temática (aspecto intencional e referencial, respectivamente). Desse modo, a elas são incorporadas características das condições de sua produção, assim como são interpretadas de maneiras diversas, a partir das possibilidades e recursos que cada um possui, o que, por consequência, influencia na atribuição de valor a mesma³. Isso porque, para o sociólogo, o processo de recepção abordado anteriormente não é passivo, mas sim carregados de significados, construídos ativamente e passíveis de alteração.

Além disso, para que sejam aptas à circulação, as formas simbólicas possuem como requisito a necessidade de passarem por um processo de codificação e decodificação que as tornem inteligíveis, uma vez que o contexto de produção e recepção pode ser distinto. Portanto, estão sujeitas a diretrizes de convenção que possibilitem seu entendimento (aspecto convencional).

Associado a isso, as formas simbólicas possuem uma particularidade contextual, dado que são produzidas em determinadas circunstâncias espaço-temporais (aspecto contextual). Para ilustrar tal ponto, Thompson (1995) afirma que, em situações de comunicação face a face, espaço e tempo são compartilhados pelos interlocutores. Com o advento do intermédio técnico da comunicação, essa dinâmica foi alterada, visto que as formas simbólicas podem ser produzidas e recebidas em diferentes situações, processo corroborado pela possibilidade de armazenamento de conteúdos, possibilitado pelos aparatos tecnológicos.

Ademais, as formas simbólicas são elementos estruturados (aspecto estrutural). Nesse caso, a observação das estruturas sociais é um fator articulado à atividade do hermenêuta de profundidade, conforme será retomado adiante. Na visão do sociólogo, a noção de estrutura diz respeito a certo conjunto de fenômenos e que chama atenção dos indivíduos para determinado nível de análise (THOMPSON, 1995). Essa perspectiva está correlacionada à noção de campo proposta por Bourdieu (1984), já que

os campos são resultados de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo e o que dá suporte são as relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia, isto é, o monopólio da autoridade, que concede o poder de ditar as regras e de repartir o capital específico de cada campo (BOURDIEU, 1984, p. 114).

Enquanto espaço de posições (sincronicamente) e conjunto de trajetórias (diacronicamente) em que os indivíduos estão inseridos a partir do volume e distribuição de diferentes tipos de capitais (econômico, cultural e simbólico), o campo está articulado às regras e convenções que orientam ações.

3 Para Thompson (1995) as formas simbólicas podem ser valorizadas do ponto de vista simbólico (atribuição de estima) ou econômico (valor que permita a troca em um mercado, se tornando bens simbólicos).

São esquemas não normativos, de natureza implícita que possuem a capacidade de dirigir as interações da vida cotidiana, nomeados de instituições sociais. Nas palavras de Thompson (1995, p. 196-197), significam "conjuntos específicos, relativamente estáveis de regras e recursos juntamente com as relações sociais que são estabelecidas por elas e dentro delas" capazes de acentuar a hierarquização entre os indivíduos.

Nesse horizonte, as estruturas sociais dizem respeito às assimetrias que constituem as relações, bem como ao exercício de poder, definido como a capacidade de ação por parte de um sujeito na busca de seus interesses (THOMPSON, p. 199). Tal paradigma influencia na valorização dada a uma forma, uma vez que esse processo não é semelhante para todos.

O que chama atenção no estudo das formas simbólicas atreladas às ideologias no âmbito da comunicação é a capacidade dada pela mídia de potencializar a disseminação delas e modificar a fixação a partir da possibilidade de reprodução. Os *mass media* alteram ainda esse processo, no que tange à estocagem de informação, à interação do interlocutor, bem como a dissociação espaço-temporal, o que deve ser considerado pelo pesquisador. Assim, é ao associar a comunicação massiva, as formas simbólicas e a ideologia que Thompson propõe como referencial metodológico a Hermenêutica de Profundidade (HP).

5 O CAMINHO METODOLÓGICO DA HP

A partir desse prisma, a Hermenêutica de Profundidade pode ser resumida da seguinte maneira:

Quadro 2 - Resumo conceitual da Hermenêutica de Profundidade

Formas de Investigação Hermenêutica	
Hermenêutica da <i>Vida Quotidiana</i>	✓ Interpretação da <u>Doxa</u>
Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade	✓ Análise Sócio-histórica <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-left: 20px;"> Situações espaço-temporais Campos de interação Instituições sociais Estrutura social Meios técnicos de transmissão </div>
	✓ Análise Formal ou Discursiva <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-left: 20px;"> Análise Semiótica Análise da conversação Análise sintática Análise narrativa Análise argumentativa </div>
	✓ Interpretação/ <u>Re-interpretação</u>

Fonte: Thompson, 1995, p. 365.

É importante salientar que, na visão de Thompson (1995), a HP não é um esquema rígido de análise, o que possibilita criatividade ao pesquisador, tal qual a incorporação de outros métodos consoantes com as necessidades da pesquisa. Essa, por sua vez, deve se associar a uma investigação centrada

em um problema, cuja natureza se relaciona à compreensão e interpretação das formas simbólicas. A partir desse esclarecimento, aqui cada ponto desse sistema será chamado de etapa, a fim de auxiliar a explicação metodológica.

Isto posto, a pré-etapa que conduz o hermenêuta é a interpretação da doxa, entendida como uma interpretação da vida cotidiana, a captação dos significados manifestos no senso comum, que podem ser obtidos por meio da etnografia, entrevistas, observação participante e outros tipos de abordagem. Na visão de Thompson, a ausência dessa fase significa negligenciar como as pessoas que compõem determinado mundo social percebem cotidianamente as formas simbólicas. Ao mesmo tempo, não avançar para além desse momento da pesquisa, é abandonar aspectos necessários a uma investigação mais profunda (THOMPSON, 1995).

Após uma ruptura metodológica com a hermenêutica da vida cotidiana, o pesquisador se insere na primeira etapa da HP, que é a análise sócio-histórica. Esse é o momento em que são reconstruídas as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas que afetam diretamente no entendimento delas (THOMPSON, 1995). Não obstante, devem ser examinados, de acordo com o autor, quatro elementos básicos. O primeiro são as situações espaço temporais, em que o hermenêuta deve considerar que as formas simbólicas estão inseridas em determinado local e contexto histórico.

Já o segundo, são os campos de interação, posto que situados em um campo, os indivíduos assimilam regras implícitas que influenciam nos seus comportamentos a partir do acúmulo de capital. Relacionado a isso, o terceiro elemento a ser analisado são as instituições e estruturas sociais. Nesse ponto, deve-se pensar em agentes capazes de fixar determinada posição e trajetória dentro dos campos de interação e legitimar as assimetrias de poder. Thompson (1995) aponta para a necessidade de o pesquisador buscar uma reflexão mais teórica ao analisar as estruturas sociais, frente à exigência da formulação de categorias e critérios capazes de manifestar tal assimetria que podem ser visualizadas, por exemplo, em questões de classe ou gênero. O quarto fator a ser considerado nesse processo são os meios técnicos de produção. Eles são materiais que permitem a produção e transmissão das formas simbólicas capazes de favorecer a fixação e reprodução de conteúdos, assim como possibilitar a interação dos sujeitos. Aqui, cabe destacar, além de uma observação técnica, os contextos sociais nos quais esses meios são apropriados.

Em resumo, é oportuno, no enfoque sócio-histórico da HP, a reconstrução da produção, recepção e circulação das formas simbólicas quanto à sua conjuntura de espaço, tempo, regras, distribuição de poder, oportunidades dentro do campo e substrato material. Realizada essa etapa, a próxima investigação que deverá ser feita é a formal ou discursiva.

Nesse tópico que constitui a segunda etapa, o analista deverá se voltar às características da forma simbólica, ou seja, é a exploração da organização e estrutura interna do conteúdo propriamente dito, que pode ser explorado por diferentes prismas como: semiótica, conversação, sintática, narrativa, argumentativa e outras análises, as quais podem ser demandadas pelo objeto.

Em referência a isso, Thompson (1995, p. 370) define a análise semiótica como "o estudo das relações entre os elementos que compõem a forma simbólica, ou o signo, e das relações entre esses elementos e os do sistema mais amplo, do qual a forma simbólica, ou o signo, podem ser parte." . O analista deve, então, ter em mente as estruturas internas da forma, suas inter-relações, assim como sua articulação com o código geral. Referente à publicidade, por exemplo, o autor supracitado afirma ser a análise semiótica um caminho na elucidação das maneiras como os comerciais promovem o

deslocamento simbólico por meio de justaposições das formas simbólicas, o que pode ser utilizado em outros campos da comunicação.

Outra possibilidade de análise ao hermeneuta de profundidade é a discursiva, em que o discurso é compreendido enquanto instâncias da comunicação correntemente presentes (THOMPSON, 1995). O objeto de análise, nesse caso, centra-se na comunicação cotidiana articulada a uma sintaxe prática. Essa, por sua vez, forma unidades linguísticas investigadas de modo estruturado.

Com a finalidade de complementar a pesquisa discursiva, é possível incorporar outros tipos de análise, como a de conversação em que a atenção se centra nas interações linguísticas concretas, levantando elementos como as características estruturais, regras da conversação e organização sequencial das falas. Outrossim, a análise sintática pode ser um critério incluído na análise discursiva que suscita verificar a sintaxe recorrente no dia a dia (THOMPSON, 1995, p. 372-373). Mais uma instância a ser observada nesse tipo de investigação é a análise da estrutura narrativa, que vislumbra identificar os efeitos narrativos ilustrados em papéis, personagens, sucessão de eventos a partir da concepção de narrativa enquanto um discurso que narra algo. Além disso, a análise argumentativa é também um tipo de estudo abordado nessa investigação, cuja concepção visa investigar a cadeia de raciocínio inserida em um discurso, por meio da reconstrução dos padrões de inferência atrelados a ele que pretendem persuadir uma audiência.

Por fim, a última etapa de análise é a interpretação/ reinterpretação em que se associa os dois tipos de análise anteriormente realizadas (análise sócio-histórica e análise formal ou discursiva), buscando a reformulação dos sentidos por meio da síntese. Na perspectiva de Thompson (1995, p.375), esse é um processo de "construção ativa de possíveis significados". É uma construção criativa, na medida em que a interpretação vai além das instâncias analisadas, na busca pelo entendimento do aspecto referencial da forma simbólica, o que também é acentuado pela premissa de que já se existiu uma interpretação anterior.

Unir essas possibilidades de análise reduz o risco de que seja considerado apenas o elemento contextual da obra (falácia do reducionismo) ou somente sua estrutura interna (falácia do internalismo), o que viabiliza uma visão amplificada do objeto (THOMPSON, 1995).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa descrição acerca do modelo metodológico da Hermenêutica de Profundidade (HP) auxilia no entendimento do que são e como executar cada uma das três etapas analíticas da hermenêutica. O investigador, de posse desses dados, em especial do domínio do que são e como são utilizados os "modos de operação ideológica", pode compreender melhor como as formas simbólicas podem ser e são utilizadas pelos meios de comunicação, para estabelecer e sustentar relações assimétricas de poder.

Conclui-se que a HP se constitui em um método que mescla o empirismo das interpretações cotidianas e da análise sócio-histórica, que são interpretações construídas em primeira mão pelo próprio campo-objeto e apenas registradas pelo hermeneuta, com as análises formais, realizadas a partir de técnicas de coleta de dados já consagradas. É válido destacar que essas duas vertentes de investigação devem ser complementares entre si, a fim de se construir uma interpretação/reinterpretação mais bem embasada teoricamente e desprendida de concepções sustentadas por valores pessoais. Em outras palavras, a HP constitui-se como uma escolha por uma investigação com enfoque analítico mais completo que visa à observação por vários ângulos de um mesmo fenômeno.

Para tanto, é imprescindível que a interpretação do campo-objeto-sujeito seja construída sobre argumentos coerentes, bem como amparados por uma perspectiva sócio-histórica e de análise formal bem delimitada, pois, mesmo que possam ser estruturadas de forma livre, devem corresponder às necessidades da investigação. Os argumentos não devem ser impostos, mas construídos de forma coerente, levando em consideração que o receptor é um ser dotado de capacidade hermenêutica. É válido destacar, nesse ponto, que a perspectiva proposta pela HP contraria, os princípios das teorias deterministas, que caracterizam o receptor como passivo, incapaz de se manifestar criticamente às mensagens transmitidas pelos meios de comunicação de massa, e sem condições de inferir sobre elas algum julgamento que pudesse alterar a produção.

Por fim, através da pesquisa bibliográfica realizada, conclui-se que, para uma investigação coerente de um campo-objeto, sob as bases da Hermenêutica de Profundidade: a interpretação da doxa deve guiar a investigação, para que ela se realize levando em consideração o contexto sócio-histórico em que as formas simbólicas são produzidas e consumidas. E as demais etapas devem conduzir o pensamento teórico para além do "senso comum", ao traduzir e explicar as relações de poder sustentadas pelos meios de comunicação de massa.

Portanto, a Hermenêutica de Profundidade se mostrou uma metodologia válida para quem busca compreender a respeito das formas ideológicas presentes no discurso midiático de maneira ampla e aprofundada. Contudo, somente a pesquisa empírica pode dizer efetivamente, sobre as dificuldades de aplicação desse método. O empirismo extrapola os objetivos deste artigo, entretanto, a descrição aqui exposta pode auxiliar na compreensão inicial de como realizar esse percurso.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- DESLAURIERS, J.P.; KÉRISI, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: _____. **Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**/ tradução de Ana Cristina Nasser, 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 127-153.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Denise. **Hermenêutica e comunicação**: contribuições para compreender a teoria da interpretação e sua aplicação na sociedade midiática. Temática. Ano XI, n.04 – Abril/2015 – NAMID/UEPB. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/23902>>. Acesso em: 03 ago. 2016.
- LOPES, Felipe T. P; VASCONCELLOS, Esdras G. **Os alicerces metateóricos da teoria social de John B. Thompson**. Psico, Porto Alegre, PUCRS, v.41, n.1, p. 67-75, jan/mar. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/4391/5218>>. Acesso em: 03 ago. 2016.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004. 306p.
- MOTTA, Diego Airoso da. **A hermenêutica de profundidade como instrumental de pesquisa qualitativa em ciências sociais**: uma introdução, 2014. Disponível nos Anais Eletrônicos do VIII Congresso Português de Sociologia: <http://www.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0165.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2016
- OLIVEIRA, Fábio Donizeti de; ANDRADE, Maria Miriam; SILVA, Tatiane. **A Hermenêutica de profundidade**: possibilidades em Educação Matemática. Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.6, n.1, p. 119-142, abril 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/viewFile/37934/28962>>. Acesso em: 27 jul. 2016
- REMOR, Carlos; REMOR, Lourdes. **A entrevista: fundamentos da hermenêutica e da psicanálise**. Texto contexto Enferm, Florianópolis, 2012 out-dez, p. 963-970. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072012000400029>. Acesso em: 03 ago. 2016.
- SILVA, Tatiane; ORTERO-GARCIA, Sílvia. **A hermenêutica de profundidade e suas possibilidades para a educação matemática**. Disponível nos Anais eletrônicos do V Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, SIMPEM, Itaipava, 2012: <http://www.sbembrasil.org.br/files/v_sipem/PDFs/GT11/CC37724310890_A.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2016.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa I. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.
- VERONESE, Marília V; GUARESCHI, Pedrinho A (2006). **Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social**. Ciências Sociais Unisinos, 42(2), pp. 85-93.